



Antonio Hohlfeldt

# Teatro

a\_hohlfeldt@yahoo.com.br

## Discursar, apenas, ou ajudar de verdade?

Em decorrência das grandes enchentes do último mês de maio, dois discursos se generalizaram: de um lado, empresas enviam mensagens explicitando o apoio que estão dando às vítimas, seja (o mais simples, porque trabalha com o dinheiro e as iniciativas dos outros) solicitando doações ou disponibilizando um Pix, seja anunciando que estão fazendo entregas significativas, o que, isso sim, é uma ação real de apoio aos necessitados - e sabemos bem, são centenas de milhares que, agora, a cada dia que passar, ficarão mais e mais esquecidos, já que os voluntários precisam regressar a seu cotidiano.

A outra iniciativa que encontramos, intermitente, é a explicitação de que tal empresa apoia os desalojados e, em seguida, se apresenta uma espécie de frase ou slogan de elevação moral, empática, do tipo “todos juntos vamos recomeçar” ou algo assim. É curioso que, nestes casos, parece que os governos nada fizeram de positivo - mesmo que tardiamente - o que não é exatamente verdade. De novo, e independentemente de questões partidárias ou ideológicas, a administração federal, a administração estadual e as administrações municipais, com maior ou menor empenho e sucesso, dependendo de cada contexto, estão mobilizadas e disponíveis - mais que isso, espera-se que articuladas entre si - com o intuito de darem o necessário amparo a quem necessite.

Por trás destas demonstrações de apoio e compreensão, contudo, parece que têm havido outras iniciativas nem tão louváveis. Todos sabemos que boa parte das produções do Rio de Janeiro e de São Paulo viram-se obrigadas a cancelar suas vindas para o Rio Grande do Sul. Não haveria “clima” para isso; inexistiria público disponível; a bilheteria não sustentaria as despesas de viagem, com evidentes prejuízos para as produções; haveria dificuldades de acessibilidade, graças ao aeroporto fechado e sem prazo de reabertura, etc.

Embora já estejam bem conhecidos os cálculos que mostram que a indústria criativa é dos segmentos produtivos de maior impacto e rentabilidade na economia de qualquer sociedade, boa parte de nossos empresários, infelizmente, ainda não

compreenderam isso. Quando decidem “apoiar” uma produção, levam em conta nomes famosos, ou o fato de as leis de incentivo, na verdade, serem muito mais contribuições do governo (federal, neste caso) do que das empresas: os empresários apenas transformam impostos devidos em investimentos em espetáculos, pelos quais nada pagam, e ainda recebem a mais ampla divulgação de suas marcas.

Esta observação bastaria para que a gente almejasse que tais apoiadores, em especial entidades de grande porte, tomassem a iniciativa, não apenas de manter os patrocínios já acertados quanto, de fato, investissem efetivamente no apoio a espetáculos para que os mesmos visitassem ou mantivessem sua programação em zonas afetadas como, no nosso caso, pelas enchentes. Mais, que propiciassem roteiros até então não planejados, em apoio a estas populações. Não é o que parece estar acontecendo. Por trás dos cancelamentos de inúmeras temporadas, para além daqueles motivos suscitados, parece que estão acontecendo outros: por que manter a temporada se vai ter menos público e minha marca vai ser menos exposta?

Corre no mercado que o Bradesco e a Bradesco Seguros estariam cogitando retirar seus apoios a turnês ao Sul, redirecionando-as para o Nordeste, por exemplo. Confesso que não quis acreditar nisso. Assim, preferi escrever esta coluna. Por que o Bradesco ou quaisquer outras empresas não criam um projeto especial de fomento para a circulação de espetáculos produzidos no Estado, dentro de suas próprias fronteiras, levando-os às populações atingidas ou contratando-os para turnês fora do Estado? Qualidade não lhes faltam, por certo...

Outra questão: por que o Minc não cria um edital emergencial para grupos viajarem dentro do Estado e se apresentarem, não apenas em Porto Alegre, mas em cidades do Interior, devastadas pelas enchentes, e de fora do RS, garantindo mercado para estes artistas?

Que a CBF e seus associados sejam egoístas, não é novidade. Mas o universo da Cultura é bem diferente. Só precisa de apoio.



Hélio Nascimento

# Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

## O mundo em imagens

Em que momento o Cinema passou a ser levado a sério, depois de ter atravessado a fase de atração de feira? Provavelmente tenha sido quando David W. Griffith realizou *Nascimento de uma nação*, em 1915, quase sempre visto como um manifesto racista e uma exaltação da Ku Klux Klan. Apesar disso, seu título poderia ser trocado para ‘Nascimento do Cinema’, pois é impossível negar que, por vários motivos, no filme a narrativa cinematográfica foi realmente tornada independente do Teatro. Tal constatação não tem impedido que o filme seja alvo de críticas pesadas e colocado no limbo e Griffith tido como um defensor da escravidão, isso antes de seu filme seguinte, *Intolerância*, realizado um ano depois, ser colocado entre os monumentos a serem cultuados como um marco decisivo. Mas *Nascimento de uma nação*, sem qualquer dúvida, permanecerá, do ponto de vista formal, um farol cuja luz ilumina a tela cinematográfica, imbatível como ponto de partida. Diz a lenda que Sergei Eisenstein, à frente dos jovens que, na década de 1920, também deixaram valiosa e indestrutível contribuição à nossa arte, costumava dizer que “Griffith é o nosso pai”. Verdade é que o filme, causando manifestações e conflitos, terminou por expor o fato de que a guerra civil, que havia terminado com a escravidão, aceitou normas legais que permitiam uma discriminação racista, só resolvida na segunda metade do século passado, e que pouco fizeram para combater linchamentos e outros crimes como várias vezes o cinema registrou.

No ano de 1935, Charles Chaplin realizou *Tempos Modernos*. Porém, quatro anos antes, René Clair havia dirigido *A nós a liberdade*, uma sátira à mecanização do ser humano em forma de opereta. Essa antecipação fez com que Chaplin fosse acusado de plágio, mas Clair interrompeu o processo afirmando que para ele era um orgulho ter servido de inspiração a um cineasta a quem todos deviam muito. *Tempos modernos* é também quase uma previsão dos tempos atuais, quando a tecnologia vai aos poucos transformando pessoas em peças de uma engrenagem. Realizado numa época em que ainda eram visíveis as consequências da grande depres-

são, o filme de Chaplin é até hoje obra indispensável para o conhecimento de um mundo em que aumenta o poder da tecnologia e técnicas de manipulação são cada vez mais usadas para controlar manifestações marcadas pela insatisfação diante da realidade. Há alguns anos, uma revista norte-americana dedicada à economia fez uma enquete entre economistas de vários países para a eleição de obras que melhor haviam focalizado problemas contemporâneos. Dois filmes integraram a relação. Um deles foi *Tempos modernos*.

O outro filme eleito pelos economistas consultados foi *A grande ilusão*, de Jean Renoir, realizado em 1936. A ação transcorre durante a Primeira Guerra Mundial e trata da desintegração da aristocracia, representada por um aristocrata oficial alemão, e da ascensão de novos protagonistas de cena mundial: o empresário e o trabalhador. A cena final, num cenário em que a neve apaga os sinais de fronteira entre os países, sinaliza para um mundo em que diferenças e conflitos, assim como aproximações, passarão a ser representados verticalmente e não de forma horizontal. Além de apontar para tal classificação, o filme antecipa a Segunda Guerra Mundial, onde mundos opostos se unem para combater a irracionalidade e a barbárie. O oficial alemão representa o passado e também um culto da obediência que será uma das raízes do nazismo; os oficiais franceses, indivíduos de classes diferentes, representam o futuro; e o Natal é uma visão otimista que ainda anima muitos. Renoir fez depois, em 1939, um filme que desfez o otimismo e no qual as sombras que se aproximavam dominavam o cenário.

Muitos outros filmes integram uma lista de obras que sintetizam e explicam uma época. É, portanto, desejável que a superficialidade e a atenção apenas para aspectos exteriores de um filme ocupem um lugar menor no processo de análise de obras cinematográficas, algumas delas merecedoras do silêncio ou daquele rigor atualmente quase ausente da crítica. Este é o tempo que estamos vivendo, no qual nem sempre merecem destaque os temas mais importantes, deslocados por interesses desprovidos de valor e importância.